**Do adoecimento psíquico à cadeira da recuperação: uma etnografia dos grupos familiares Al-anon em tempos de pandemia e retomada.[[1]](#footnote-1)**

Victoria Puntriano Zuniga de Melo- UFPB

Palavras-chave: Adoecimento psíquico. Alcoolismo. Grupos Al-anon. Pandemia Covid-19.

**Resumo**

O alcoolismo apesar de ser considerada uma doença de cunho orgânico e mental os indivíduos afetados ainda precisam lidar com o estigma social que repercute na família. Os grupos familiares Al-anon enquanto associação de parentes e amigos de alcoólicos segue os mesmos princípios dos Alcoólicos Anônimos (doze passos, tradições, conceitos lemas) considerando o alcoolismo como “doença da família” se mostrando como alternativa terapêutica para trabalhar a recuperação dos seus membros independente da trajetória do/a alcoólico/a estando sóbrio ou na ativa, partindo do reconhecimento que está doente em sofrimento psíquico e as vezes sofrendo abusos. A pandemia provocada pela disseminação do SARS- Cov2, ou novo coronavírus responsável pela doença Covid-19 foi decretada pela Organização Mundial de Saúde em março de 2020. As medidas adotadas para conter a propagação do vírus como: distanciamento e isolamento social, uso de máscaras e de álcool gel para higienização de mãos e superfícies se tornou a nova realidade que provocou uma reorganização nas diversas esferas da vida ocasionando sofrimento psíquico na sociedade e ainda mais naqueles sujeitos que já tinham alguma doença, transtorno ou contexto sociocultural desfavorável a saúde mental. O Al-anon enquanto grupo organizado em nível mundial recomendou que procurassem outras formas de continuar com as reuniões do grupo como as plataformas virtuais. O grupo Al-anon pesquisado está localizado em uma cidade da região nordeste do Brasil que precisou se reinventar diante dos desafios impostos pela pandemia utilizando inicialmente o *Whatsapp* e posteriormente o *google meet*. Diante do exposto o objetivo deste artigo é compreender como os membros dos grupos familiares Al-anon realizam a sua recuperação em formato virtual e presencial e os impactos que tiveram na pandemia para prosseguir com a sua recuperação. Quanto a metodologia foi realizada observação participante nas reuniões do grupo e de área (nível estadual), grupo focal em plataformas virtuais durante o período de pandemia, bem como a análise da literatura produzida exclusivamente pelo Al-anon (boletins, folhetos e livros) com perspectiva de análise etnográfica. Após o retorno das reuniões presenciais continuou a pesquisa por três meses. Os resultados apontam para o anonimato como princípio que possibilita o compartilhar de suas experiências funcionando como terapia que possibilita a recuperação a partir da (re)construção da identidade do membro do grupo, do autocuidado em uma reconfiguração do individualismo contemporâneo. A adoção da plataforma virtual requereu uma adaptação dos rituais e princípios como o do anonimato utilizados no processo de recuperação e a estranheza do retorno presencial à sala e seus espaços como a cadeira da recuperação.

**Introdução**

O alcoolismo é uma doença catalogada pela Organização Mundial da Saúde (OMS) conhecida pela dependência do álcool de forma descontrolada e progressiva (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2004). Segundo dados do III Levantamento Nacional sobre o Uso de Drogas pela População Brasileira (LNU) a estimativa do uso de álcool durante a vida para pessoas de 12 a 65 anos foi de 70,1% e a dependência de 1,3% considerando uma amostra autoponderada em 108 municípios brasileiros (FIOCRUZ, 2019).

Pode-se observar pelos dados oficiais que o alcoolismo se constitui como uma doença que afeta a ao alcoólico e sua família, pode acarretar perda de emprego, problemas de saúde, inclusive psíquico tornando-se um problema social passando a ser estudado também pelas ciências sociais e a antropologia.

O tratamento dessa doença passa por diversos formas, como tratamento medicamentoso, terapias e também existem os grupos de apoio como o Alcoólicos Anônimos (AA) e os grupos familiares Al-anon para os familiares y amigos de alcoólicos.

O enfoque deste artigo está neste último grupo, o qual considera os que os familiares e amigos estão em sofrimento psíquico com a sanidade afetada (FERREIRA, 2014; PUSSETTI; BRAZZABENI, 2011) tal como expõem o material de divulgação como o boletim e banner em forma de espiral com a seguinte mensagem: “O Alcoólico bebe e é a família que fica tonta” (AL-NON, ME-81, 20X?).

O trabalho terapêutico que este grupo desenvolve tem caráter mundial tal como o AA, inclusive a sua nomenclatura se remonta ao grupo originário Alcoólicos (do qual se adotou Al e de Anônimos se incorporou non) formando a sigla Al-anon, que reconhece a codependência dos familiares em relação ao alcoólico. Este conceito é conhecido como um transtorno emocional particular de familiares ou de pessoas que convivem com dependentes químicos (como amigos ou vizinhos) entre outras patologias. Este transtorno consiste em viver em função do alcoólico, tutelando-o, procurando salvá-lo da sua dependência de forma insistente, e muitas vezes sendo inconsciente facilitador focando quase efeitos do alcoolismo (PIETRO E PEREZ, 2021)

Com o surgimento na China de um novo tipo coronavírus, conhecido como COVID-19, atingindo diversos países no mundo passou ao status de pandemia e a OMS e os governos impuseram medidas como bloqueios quase total da sociedade instituiu-se o distanciamento social o qual trouxe graves consequências para a psique humana e incrementou número de pessoas com doenças psíquicas (MAGALHÃES, GARCIA, 2021).

Neste sentido, o objetivo deste artigo é compreender como os membros dos grupos familiares Al-anon realizam a sua recuperação em formato virtual e presencial e os impactos que tiveram na pandemia para prosseguir com a sua recuperação.

**O surgimento do campo etnográfico**

Minha chegada ao Al-anon, inicialmente não se deu por questões acadêmicas, contudo o olhar de pesquisador está sempre aguçado e as oportunidades etnográficas podem nos surpreender e devemos estar preparados para ser um observador participante, para vivenciar a experiência e não ser meramente um observador distante. (Geertz, 2003)

Passei a realizar os registros mais significativos, as falas autorizadas estando atento ao sigilo para além das razões éticas da pesquisa, também tem o sigilo que forma parte dos princípios do programa de recuperação do Al-anon, cercando dos cuidados para não revelar as suas identidades.

Neste caso o eu etnográfico deveria estar alerta para manter uma postura que permita realizar críticas e analises sem naturalizar as experiências vividas nas reuniões do grupo pesquisado tanto em formato presencial como virtual e observar a literatura produzida exclusivamente pelo Al-anon (boletins, folhetos e livros) com perspectiva de análise etnográfica.

**As origens do Al-anon**

A trajetória de criação dos grupos familiares Al-anon inicia-se junto com Lois W e um grupo de esposas que enquanto esperavam os companheiros saírem da reunião e observaram que estavam enfrentando as mesmas dificuldades, que também haviam sido impactadas negativamente pelo convívio com alcoólico. Em 1951 constituíram os Grupos Familiares Al-anon adotando os doze passos e tradições e somente em 1970 os conceitos passaram a formar parte do legado do programa de recuperação (AL-ANON, 2016).

Atualmente o símbolo que representa esse legado do Al-anon é um triangulo, onde cada lado representa “a Recuperação pela aceitação dos Passos, a Unidade pela aceitação das Tradições e Serviço pela aceitação dos conceitos”. (AL-NON, 2016, p. 9).

Observa-se que todos os lados trazem um aspecto do legado e igualmente a aceitação como elemento constante para que a programação possa ser vivenciada. Na figura 1 mostra-se o logotipo do Al-non, o circulo no meio representando as boas-vindas.

**Figura 1 – Logotipo do Al-anon**



Fonte: Al-anon (2014)

**Sou uma Al-anon em recuperação**

Cheguei na sala do Al-anon localizada em um prédio comercial, levando uma amiga, no mês de junho 2019, as presentes deram as boas-vindas e observei que havia um ritual a ser seguido e era lido pela coordenadora. Embora a palavra estivesse facultada em uma cadeira ao lado da mesa que tinha uma toalha com o símbolo do Al-anon, minha colega não se manifestou e muito menos eu que estava acompanhando-a.

Ao final dessa primeira visita descobri que o local era chamado de “sala da recuperação” porque funcionavam outros grupos como o Alcóolicos Anônimos (AA) que aplicam os mesmos 12 passos.

Minha amiga só retornaria quase seis meses depois no mês de dezembro desse mesmo ano, mas logo pararam as reuniões por causa das festividades do final de ano. Em janeiro de 2020 a pedido da minha amiga passei a acompanhá-la nas reuniões semanais e em nenhum momento o grupo questionou a minha presença. Comecei a me sentir um pouco desconfortável por estar em uma associação de parentes e amigos de alcóolatras, embora pudesse me considerar “colega” do alcóolico da vida dela.

Quando a minha amiga começou a se integrar ao grupo, a compartilhar a sua história, pensei que havia chegado o momento de me retirar, contudo ainda permaneci, já se esboçava a ideia de elaboração de um artigo a partir dessa experiencia. Nesse período descobri que um ascendente havia sido alcóolico e como já tinha ouvido no grupo que, “os efeitos do alcoolismo perduram até a quinta geração”, passei a me sentir legitimada para permanecer e pertencer.

Gostaria de ressaltar de me propus a fazer registros pautando-se em um poder superior, o Deus da concepção pessoal que possibilita a recuperação seja de alcoólico ou dos seus familiares e amigos.

Ao começar se davam as mãos formando um círculo e falavam a oração da serenidade: “Deus concedei-me a serenidade para aceitar as coisas que não posso modificar, coragem para modificar aquelas que posso, e sabedoria para perceber a diferença”. Em uma clara alusão a perda da serenidade e consequentemente da sanidade mental, o que implica no reconhecimento de uma alteração (adoecimento) mental. (PUSSETTI, BRAZZABENI, 2011).

Logo após é proferida a declaração do Al-anon: “Quando alguém, em qualquer lugar **pedir ajuda,** que a mão do Al-anon e Al-alteen[[2]](#footnote-2) esteja sempre ali e que comece por mim”. (grifo nosso). O destaque que em diversas ocasiões ouvi foram as palavras em negrito para chamar quem de fato pedir ajuda e não para ficar convidando e insistindo quem não solicitou. Esta é uma clara referencia ao reconhecimento das alterações de comportamento da Co dependência cujo padrão é repetido com outras pessoas, não somente com o alcóolico.

Uma vez todos sentados se dá inicio a leitura do “Preambulo” que é uma informação para aos recém chegados e um lembrete para os membros da natureza do grupo[[3]](#footnote-3), da sua independência em relação a qualquer organização inclusive financeiramente, destacando a autonomia, e o seu caráter autogestionário à luz das diretrizes emitidas e, finalmente é destacado o propósito do grupo “prestar ajuda aos familiares e amigos de alcóolicos” (AL-ANON, 2009, n.p)

Seguidamente é anunciado o tema que será tratado nesse dia e realiza-se uma leitura dentro da Literatura Aprovada pela Conferência (LAC) [[4]](#footnote-4), pode ser um dos doze passos que são bastante enfatizados (para a recuperação pessoal) as doze tradições[[5]](#footnote-5) , os doze conceitos[[6]](#footnote-6)

Em seguida, seguem-se os comentários sobre a leitura e ficam restritos a ela, quando alguém sai da temática, gentilmente é lembrado que o momento de compartilhar ainda não chegou. Seguem-se uma leitura que forma parte do ritual em relação à sétima tradição “Cada grupo deverá ser totalmente autossuficiente, recusando quaisquer contribuições de fora” (AL-ANON, 2001, p.118).

A seguir se procede ao compartilhar, “a cabeceira de mesa está aberta” espaço denominado de “cadeira da recuperação” no cada membro que se levanta é aplaudido (dando coragem pelo compartilhar) e inicia se apresentando eu sou fulana de tal, (forma de recuperar ou reforçar a identidade afetada pela doença do alcoolismo) serve como um lembrete que deve manter o foco em si mesma. Seguidamente se diz a seguinte frase: sou um/a Al-anon em recuperação.

As novatas que vão chegando começam a repetir como se fosse um protocolo, contudo essa última frase envolve um ritual que não fica tão explicito quanto no AA. Nesse grupo os recém chegados são logo convidados a escolher um padrinho, figura de um membro experiente que possa ajudar o recém chegado a lidar com a compulsão de beber, a partir da sua experiência e literatura do AA e recebe um cartão de membro.

Já no grupo do Al-anon que observei, o apadrinhamento somente é realizado quando deixou de ser um visitante ocasional e se tornou um/a participante assíduo/a que conhece minimamente a programação[[7]](#footnote-7). É abordado na leitura o tema de apadrinhamento, e acontece o ritual que permanecia oculto até então, os/as que não tem padrinho ou madrinha foram convidados a escolher um/a entre os membros mais experientes.

Para o Al-anon (2009, p. 179): “Apadrinhar é um compromisso tanto comigo mesmo quanto com uma outra pessoa. Não é um favor. O apadrinhamento me dá a oportunidade de compartilhar intimamente, dar mais atenção, praticar o desligamento com amor e aplicar os princípios do Al-anon mais conscientemente do que nunca”

O ato de se tornar madrinha ou padrinho remete a solidariedade, recebeu apoio do grupo através da programação e tem a oportunidade de retribuir (Mauss, 2018) e dessa forma também tem a oportunidade de seguir practicando a sua recuperação.

Quando indique quem preferia como a minha madrinha, ela me deu um abraço e recebi um cartão de membro[[8]](#footnote-8) virei de fato “Uma Al-anon” e não simplesmente uma frase copiada. O mesmo processo aconteceu com as que ali estavam na mesma condição como a minha amiga.

“Em recuperação” remete a prática dos doze passos, mas também de toda a programação, as tradições, os conceitos que a própria literatura indica, foi um segredo bem guardado do Al-anon, mas além disso tem os lemas como: “Viva e deixe viver”, ou “Um dia cada vez”, simples, porém profundos, capazes de colocar os problemas diários em perspectiva diferente.

Um princípio para que o compartilhar na “cabeceira de mesa” ou cadeira de recuperação funcione ´´está explicitamente exposto em um cartaz com os seguintes dizeres: “O que você vê aqui, o que você ouve aqui, ao sair daqui, deixe que fique aqui”. Inclusive é lido antes do compartilhar.

O segredo faz parte integrante da recuperação para Simmel (1986) o segredo forma parte das relações sociais como forma de inclusão e exclusão e aplicado ao contexto dos membros de Al-anon membros podem chegar a ser excluídos e até grupos foram extintos por não respeitar esse princípio.

A necessidade de manter o segredo do que é compartilhado é reforçado no encerramento “As coisas que ouviram aqui foram ditas em confiança e devem ser confidenciais. Façam com que elas fiquem dentro das paredes desta sala e em suas mentes” (AL-ANON, 2001, p. 382).

O sigilo dos membros é tema de conversa em alguns momentos em reunião como relato a seguir:

“vamos combinar, se nos encontrarmos na rua, posso lhe cumprimentar?” (Jordanio, reunião livre, jan/2020).

“Na rua faça de conta que não me conhece” (Lidiane , reunião livre, jan/2020)

“Pode dizer que me conhece da universidade” ( Jacinta, reunião livre, jan/2020)

“Por mim não tem problema” (Paula, reunião livre, 2020)

Lembrando que esses combinados às vezes podem significar a segurança do membro que está convivendo com um alcoólico na ativa.

**A experiência online**

Quando foi decretada a pandemia em março de 2020, todas atividades ficaram suspensas, por algum tempo se esperou que retornasse como tudo demorou muito mais ao seguir as orientações de distanciamento social. O grupo já utilizava o whatsapp para mensagens e por sugestão de uma companheira de Al-anon de outro grupo, já no final do mesmo mês, a coordenadora do grupo passou a gravar áudio com leituras e tinham algumas intervenções também por áudio ou escritas acerca da leitura.

Posteriormente começou a se utilizar ligações de grupo de *Whatsapp* quando chegou a recomendação do Escritório de Serviços Gerais Al-Anon (ESGA) para não utilizar mais esse aplicativo em setembro de 2020.

Como dava aulas remotas e procurando ajudar o grupo, fiquei com a incumbência de criar um link permanente no *meet* para realizar as reuniões, aceitar as entradas, em fim secretariar online a partir de setembro de 2020. No começo havia um estranhamento da etiqueta de fechar o microfone, de levantar a mão antes de falar, além de que houve uma adaptação dos rituais o que antes era cabeceira de mesa, passou a se chamar de compartilhar de experiência, dado que não tinha mais a mesa nem a cadeira física.

Do mesmo modo também se pode usufruir da possibilidade que o mundo virtual oferecia, que outras companheiras da mesma região embora geograficamente distantes se pudessem reunir e acabou aproximando mais esses os dois grupos que passaram a se reunir regularmente com o grupo até que as reuniões virtuais acabaram no final de 2022. Este formato viabilizou a participação de palestras ou datas comemorativas de outras regiões do país e inclusive com colegas de outros continentes como de Portugal. A partir do mês de agosto de 2021 o link do *meet* passou a permanecer somente por uma hora, me lembro que uma das participantes de uma reunião alegou ter um e-mail acadêmico e que não tinha essa limitação de tempo. Contudo, eu falei que também tinha e-mail institucional, mas manifestei que o link não poderia ser gerado dessa forma, dado o princípio de autonomia que o grupo precisa ter, como diz o preambulo “O Al-anon não está ligado a nenhuma seita, religião ou movimento político, organização ou instituição...” (Al-anon, 2009, n.p)

Optou-se então pela criação de um segundo link para quando caísse o primeiro continuar a reunião e assim se mantiveram as reuniões até o mês de dezembro de 2022. Fiz alguns testes com o Skype que não tinha essa limitante de tempo, mas não continuamos devido a possibilidade de retorno presencial.

Teve uma eleição para nova coordenadora e tesoureira, no mês de agosto de 2021 e a votação foi realizada após a reunião. Apesar do contexto durante quinze meses em formato online, funcionar relativamente bem alguns membros informarem que não se sentiam a vontade em participar ou em alguns casos ficou subentendido que não tinham a privacidade para participar da reunião em casa.

O retorno presencial demorou a acontecer, em parte porque algumas senhoras ainda não estavam saindo de casa, tinham adoecido também por causa do isolamento social e não se sentiam prontas para o retorno.

O perfil do grupo era prioritariamente conformado por mulheres sendo estas: esposas, mães, filhas, irmãs de alcoólatras, e os poucos homens que frequentavam eram filhos ou pais alcoólatras.

**Sinais de adoecimento e a fala que recupera**

A seguir apresento algumas das falas que trazem indícios do impacto negativo que o alcoolismo teve nas suas vidas:

“Ele podia ter ganho medalha de ouro nas olimpíadas e ainda assim, virar alcoólatra” porque uma coisa não tem a haver com a outra. É uma doença progressiva, que vai acabando com a saúde do ser humano, corrompendo o seu caráter não acredito que ele virou o mentiroso compulsivo” (Marina, reunião aberta, 2021).

“Eu tive vontade de matá-lo, então entendi que era hora de me separar antes de ir parar na cadeia. Hoje percebo que não queria matar ele e sim o vício, queria acabar com o sofrimento de vê-lo afundar dia-a-dia.” (Drina, reunião aberta, 2020).

“Eu sempre gritava e brigava e quando ele parou de beber a quem ia culpar, precisava ser a vítima e ele não estava deixando”. (Milagros, reunião aberta, 2021)

“ Eu cheguei a dar dinheiro a pedintes para meu marido não pegar o dinheiro e beber. Na época dez reais era dinheiro”(Mirta, reunião aberta, 2020)

“Eu cheguei a comprar um bafômetro,só para provar ao meu marido que ele estava bêbado. Gente, eu queria ter poder de polícia. Quando penso nisso chega a ser engraçado, eu exigindo que fizesse o teste e ele soprando muito forte tentando burlar, no final o aparelho acabou no lixo”(Lucia, reunião aberta, 2021)

“Eu escondia as garrafas para ele não beber e ele saia para comprar mais”(Adria, reunião aberta, 2020)

“Uma vez disse que queria que o bar onde ele bebia explodisse , ele disse eles são tão legais e se o bar fechasse ia para outro e outro até achar”.(Milca, reunião aberta, 2021).

“Quando chegava em casa bêbado, eu queria brigar e o cachorro não deixava, ficava entre mim e ele. Acho que ele ( o cachorro) tinha mais juízo do que eu”, ao final no dia seguinte não ia se lembrar de nada mesmo ( Jacinta, reunião livre, 2020)

As falas repercutem-no legado que Al-non visa trazer alivio es esperança para quem adoeceu mentalmente e às vezes fisicamente também.

Das observações realizadas das recém chegadas/os tanto no formato presencial como no virtual elas tendiam a extrapolar o tempo máximo de 10 minutos e a centrar a fala no alcoólico, havia por parte da coordenadora e dos membros compreensão desses momentos iniciais. Mas era visível conforme passava o tempo iam se encaixando no tempo, a fala era mais calma e começavam a comunicar mais sobre como se sentiam em relação ao alcoólico/a.

Também se tornou aparente as mudanças com o **autoestima** Tenho um amigo que diz “Eu conheço a esposa de uma alcoólatra pelo cabelo”, porque não se arruma. Uma das participantes ao perceber que o cabelo dela estava despenteado, tentou arrumar mais logo desistiu. Conforme vai se recuperando percebe-se as mudanças no cabelo fica arrumado, passam a ter mais cuidado ao se vestir, com as unhas e são elogiadas pelas presentes como forma de estimular o autocuidado.

Vale salientar que muitas dos membros Al-anon realizam algum tipo de terapia, algumas tomam medicação como parte do tratamento que realizam e muitas vezes há comentários desses profissionais quanto a melhora no estado psíquico, redução das dosagens da medicação entre outras.

**Considerações finais**

O alcoolismo é uma doença da família, quem procura o Al-anon geralmente chega procurando o cura para o alcoólico/a, mas descobre que ela/ele também adoeceu e começa a se tratar traçando o caminho que é possível para esse membro, da forma que dá conta e começa a se integrar ao programa proposto pelo grupo.

O objetivo deste artigo é compreender como os membros dos grupos familiares Al-anon realizam a sua recuperação em formato virtual e presencial e observou-se que de forma geral conseguiram manter o ritmo das reuniões apesar das necessidades de ajustes o grupo demonstrou resiliência e foi uma época de aprendizados também das tecnologias.

É importante destacar que os membros mostram progressos despois que estão na programação, seja na fala mais calma, reflexiva, em melhora de autoestima, de sua saúde física e mental.

**Referências**

AL-ANON. **Coragem para mudar**: um dia de cada vez no Al-anon II. Preámbulo 9 ed. São Paulo: Os Grupos, 2009.

AL, ANON. **Como o Al-anon funciona para familiares e amigos de alcoólicos.** 3 ed. São Paulo: Os grupos, 2001.

AL-ANON. **Os caminhos para a recuperação:** passos, tradições e conceitos do Al-non. 4 ed. São Paulo: Os grupos, 2016.

PRIETO, Melissa Irene Cueto, PÉREZ, Paula Ariadna Corzo. Codependencia: una adicción o un patrón de relación inadecuado. **Poiésis,** v. 41, p. 93-104. 2021. Disponível em: <https://revistas.ucatolicaluisamigo.edu.co/index.php/poiesis/article/view/4177/3203>. Acesso em:4 ago 2022

FERREIRA, Jonatas Ferreira. Sofrimento e silêncio: apontamentos sobre sofrimento psíquico e consumo de psicofármacos. **Fórum Sociológico**, Lisboa, n. 24, p. 121-128, 2014. Disponível em: https://journals.openedition.org/sociologico/1133. Acesso em: 15 jun. 2022.

FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ (FIOCRUZ). **III Levantamento Nacional sobre uso de Drogas pela População Brasileira**. Documentação Complementar II – Versão Janeiro de 2019. Coordenador (a): Francisco Inácio Pinkusfeld Monteiro Bastos. Fiocruz: Rio de Janeiro, 2019.

GEERTZ, Clifford. **La interpretación de las culturas**. Descripción densa. España: Gedisa, 2003.

MAGALHÃES, Ricardo Antonio. GARCIA, July Mesquita Mendes. **Efeitos Psicológicos do Isolamento Social no Brasil durante a pandemia de COVID-19. Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento.** Ano 06, Ed. 01, Vol. 01, pp. 18-33. Janeiro de 2021. ISSN: 2448-0959, Link de acesso: <https://www.nucleodoconhecimento.com.br/psicologia/isolamento-social>. Acesso em: 15 ago. 2022

MAUSS, Marcell. **Ensaio sobre a dádiva**. Coleção Argonautas. Ubu editora: São Paulo, 2018.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Biblioteca Virtual em Saúde**. Alcoolismo. 2004.Disponível em: <https://bvsms.saude.gov.br/alcoolismo/>. Acesso em: 12 ago.2022.

PUSSETTI, Chiara; BRAZZABENI, Micol. Sofrimento social: idiomas da exclusão e políticas do assistencialismo. **Etnográfica**, Lisboa, v. 15, n. 3, p. 467-478, 2011. Disponível em: https://journals.openedition.org/etnografica/1036. Acesso em: 11 jul. 2022.

1. “Trabalho apresentado na 33ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 28 de agosto a 03 de setembro de 2022”. [↑](#footnote-ref-1)
2. Grupo de apoio coordenado por uma integrante do Al-non formado por adolescentes que tiveram as suas vidas afetadas pela forma de beber de outra pessoa. No grupo do qual participava não tinha Al-atten. [↑](#footnote-ref-2)
3. “São uma associação de parentes e amigos de alcóolicos que compartilham sua experiência, força e esperança a fim de solucionar os problemas que tem em comum” (CORAGEM PARA MUDAR, 2009, n.p). [↑](#footnote-ref-3)
4. Existe uma Conferência mundial que entre outras atribuições aprova quais livros, banner e folhetos literatura serão difundidos, bem como o tema que será tratado durante o ano. [↑](#footnote-ref-4)
5. São orientações de para o grupo poder conviver em harmonia uns com os outros e manter a unidade. [↑](#footnote-ref-5)
6. Orientações de como poder prestar serviço de forma gratuita para contribuir com a divulgação da mensagem do Al-anon. [↑](#footnote-ref-6)
7. Entendido com o um programa espiritual como os doze passos para a recuperação pessoal. [↑](#footnote-ref-7)
8. Com o seu nome (somente o primeiro sem sobrenome), a data, quem era o/a coordenadora da reunião e a assinatura do padrinho/madrinha. [↑](#footnote-ref-8)